

REY
CLI 0384
SIST. 59414

25 de agosto de 1949

MEIO DE SEMANA
FAUSTO

Há um Fausto em cada homem caminhando ao crepúsculo. Por isso, quando aquela estrela aparece, a estrela da tarde, tão límpida no azul que desmaia, e a primeira prata do outono tisona de cinza a cabeça pensativa, o pequeno demônio que cada homem tem dentro de si começa a procurar, nas páginas dos que entreviram o lado de lá de outras dimensões, o vinho instável da esperança.

Há sempre a possibilidade de se encontrar a misteriosa fenda oculta entre os paredões que cercam a vida. O ponto exato em que se torne praticável uma fuga para o absoluto, depois de se ter esquecido a constante pressão do cotidiano. Quando os homens, os pobres homens são vulgares e iguais, esse esforço se perde na sombra espessa das pequenas misérias do dia-a-dia familiar, na atividade inexpressiva das vidas interiores que se escondem, tentam o assalto, se destróem em silêncio. Mas se a rebeldia partiu de um anjo cintilante, então mesmo o fracasso se transforma num poema. A inutilidade aparente da luta íntima e intelectual adquire na sublimação literária uma função de síntese libertadora. Nesse ponto alguém poderia dizer, por exemplo:

- Foi o caso do velho Goethe...

Então sentiríamos ser necessário reagir contra a visão comum sugerida pela velhice do poeta, visão que se criou ao longo de sua lenda viciada pelo juízo dos homens sem imaginação, precários e contingentes.

Pois justamente, o essencial em Goethe, foi não ter envelhecido nunca. Não importa que a enfermidade do segundo Fausto marque a saudade de um espírito pelas energias de si mesmo, quando já se encontrava para além dos limites literários da vida. Isso já era o outro lado da paixão criadora, a febre ilusória que se prolongava. Mas o sentido real que anima a obra do poeta é o da primavera perene. Depois, já não era mais ele. O que ele quis ser, o que ele foi, foi esse instante que resumiu toda a existência como um minuto de eternidade.

Sendo essencialmente universal, o poeta levou à realidade viva e instável tudo quanto tem palpitado na alma dos homens, e confundiu intimamente a poesia com a sua própria existência, que esgotou como se esgota a substância lírica de um grande poema. Em Frankfurt, em contato com a influência do lúcido espírito da França, em Leipzig, onde essa influência se acentua, Goethe estudante - e seria estudante eterno de Vigny ao longo da vida - se inclina para a pulsação desse misterioso mar de indagação e de equilíbrio que é o estilo vital do espírito francês. Inclinação que começa a frutificar plenamente em Weimar, é à luz mediterrânea do mundo latino, à sonora atmosfera da Itália, amadurece em seu milagre definitivo.

Não poderia ter fugido a esse destino quem estava destinado a dar expressão à totalidade das aspirações humanas, erguendo-as da sombra onde a força precária da humanidade comum acaba sendo vencida, e realizando-as na arte, que é o alívio da sublimação e a recuperação salutar de todos os naturais limites dos homens. Para dar vida a isso que existia no informe lirismo das aspirações obscuras de todos, era preciso o grande poeta. Esse que agora revive em nós a cada instante, e paira na atmosfera do mundo da cultura, como um de seus maiores expoentes.